

OS ECOS DO MODERNISMO NA POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Brenda Pereira dos Santos

(Licenciada em Letras – UFTM)

RESUMO O referido artigo tem por objetivo explorar o panorama da literatura contemporânea através do viés da poesia, observando e analisando como o Modernismo ecoa e influencia o movimento em voga. Assim, foi realizada uma investigação acerca do tema, utilizando como objeto de comparação a poeta contemporânea Ana Martins Marques e o modernista Manuel Bandeira, a fim de convergir os textos escolhidos com as teorias levantadas, efetivando as questões salientadas. Para embasar as reflexões, os principais autores utilizados foram Medeiros (2017); Siscar (2010); Dick (2012), dentre outros. A metodologia empregada nesta pesquisa foi de abordagem qualitativa, de objetivo descritivo e de cunho bibliográfico. Dessa maneira, conclui-se que os resultados obtidos demonstram como o impacto do modernismo no contemporâneo tem sido demasiado, uma vez que o período literário em voga desponta diante da ruptura empregada no período literário anterior, se ascendendo por meio da releitura crítica.

PALAVRAS-CHAVE Modernismo, Contemporâneo, Poesia Brasileira.

RESUMEN El referido artículo tiene por objetivo explorar el panorama de la literatura contemporánea, a través del sesgo de la poesía, observando y analizando cómo el Modernismo hace eco e influencia, con base en el aspecto teórico. Así, se realizó una investigación sobre el tema, utilizando como objeto de comparación la poeta contemporánea Ana Martins Marques y el poeta modernista Manuel Bandeira, a fin de converger los textos escogidos con las teorías planteadas, efectivizando las cuestiones destacadas. Para fundamentar las reflexiones, los principales autores utilizados fueron Medeiros (2017); Siscar (2010); Dick (2012), entre otros. La metodología empleada en esta investigación fue de abordaje cualitativo, de objetivo descriptivo y de cunho bibliográfico. Así, concluye que los resultados obtenidos demuestran cómo el impacto del modernismo en lo contemporáneo ha sido demasiado, una vez que el período literario del ahora se despunta ante la ruptura empleada en el período literario anterior, ascendiendo por medio de la relectura crítica.

PALABRAS CLAVE Modernismo, Contemporáneo, Poesía Brasileña.

INTRODUÇÃO

Como destaca Siscar (2010), a poesia contemporânea brasileira apresenta uma grande diversidade de poetas e projetos, dos quais se destacam diversos nomes, tornando-se, assim, um desafio para crítica e a historiografia analisar a maneira com que essa literatura vem se construindo e quais são suas referências. Desse modo, “[...] se alguns críticos preferem apontar as limitações culturais e ideológicas da poesia contemporânea, outros diagnosticam um salto no que diz respeito à qualidade média da poesia no país; nunca se teria visto um número tão expressivo de bons poetas” (SISCAR, 2010, p. 151).

A utilização do cotidiano como temática, muito presente na literatura contemporânea, por exemplo, é algo que ganha destaque no Modernismo, estando muito presente, também, na poesia Marginal. Como ressalta Siscar (2010), é o local de fala que constrói a diferença; para ele, os poetas atuais trazem à tona discussões e temas muito presentes em outros períodos, os adequando às necessidades e perturbações do seu tempo.

Mello (2018), por sua vez, versa que uma importante característica do pós-modernismo é a destruição das linhas divisórias - tão caras ao modernismo -, entre a “alta cultura” e a “cultura de massa”. Esse fator, que é atrelado ao contexto social vivido atualmente, também conflui a ideia de negação associada à tradição e ao sentimento de vanguarda, que tem por intenção rebuscar e refazer o tradicional, e é também característica marcante do contemporâneo.

Nesse sentido, destaca-se o fato de a poesia contemporânea se concretizar a partir da ruptura e da crítica à tradição, que afloram no Modernismo. Logo, o referido movimento tem como objetivo não apenas incorporar características e marcas de períodos literários anteriores, mas também ressignificá-los, criando, assim, uma “crítica” que relê esses aspectos, configurando uma poesia que lida de forma criativa e consciente com a tradição.

Há, na crítica contemporânea, os que veem no abandono dos ideais modernistas um descomprometimento da poesia para com o mundo e uma conseqüente decadência em termos de qualidade; outros julgam exatamente o contrário e tratam como profícua a emancipação dos moldes da tradição por meio de um reaproveitamento crítico agora sem barreiras, sem grupos fechados de tudo quando há nesse enorme arcabouço da tradição; há ainda outros que acusam uma parcela de certa “retradicionalização frívola” (SIMMON, 2015, p. 212).

Simmon (2015) enfatiza que os poetas contemporâneos trazem a questão do abandono e descomprometimento para com a tradição à tona, não como uma forma de repulsa, mas sim como uma maneira de integrar um olhar crítico à tradição, ressignificando o termo originalidade.

Por esse viés, é pertinente compreender a convergência entre o Contemporâneo e o Modernismo, movimento este que se estabeleceu a partir de uma oposição aos moldes literários que vinham sendo mobilizados. Além disso, gerou também uma revolução na arte como um todo, que ecoou até a

literatura atual. Iniciado, para muitos, durante a Semana de Arte Moderna em 1922, o modernismo surge como uma movimentação que quebra barreiras e cultiva uma nova forma de se pensar e fazer poesia. Nascimento (2015) enfatiza que “o Modernismo começa justamente quando artistas brasileiros passam a ter contato direto ou indireto com as novas informações artísticas do início do século na Europa, incorporando-as no contexto brasileiro e provocando as mais diversas reações no meio cultural.”

É importante pensar a amplitude do Modernismo principalmente através dos manifestos e das revistas literárias, que mobilizaram múltiplos debates e possibilitaram uma gama demasiada de contribuições. Boaventura (1978) salienta que o fenômeno de formação de diversos grupos como *Estética*, *Terra Roxa*, *Klaxon*, dentre outras, trouxe como consequência várias vertentes, que tinham em sua essência visões diversas e comuns a respeito do projeto e construindo, assim, um movimento rico e fortalecido por um trabalho coletivo.

Nessa perspectiva, ao se observar como o contemporâneo tem sido efetivado ao longo dos anos, nota-se também de que maneira as ideias e conceitos presentes no modernismo se inserem neste novo cenário, que se prefigura desde o pós-moderno. Dessa maneira, por meio da contextualização realizada, enfatiza-se que o objetivo deste artigo é trazer apontamentos que corroborem com as discussões que já têm sido realizadas, através de um debate acerca da influência e relevância do Modernismo e da análise dos poemas escolhidos.

OS ECOS DO MODERNISMO NO CONTEMPORÂNEO

Partindo do debate acerca do diálogo entre o modernismo e o contemporâneo, destaca-se também os poetas contemporâneos que foram e têm sido influenciados pelo Modernismo, como Ana Martins Marques. A poeta é autora dos livros de poesia *A vida submarina* (Editora Scriptum, 2009), *Da arte das armadilhas* (Companhia das Letras, 2011), *O livro das semelhanças* (Companhia das Letras, 2015), *Duas janelas*, escrito em dupla com Marcos Siscar (Luna Parque, 2016), *Como se Fosse Casa: Uma Correspondência*

(2017), *Livro dos Jardins* (2019) e *Risque esta palavra* (2021). Além disso, ela também se configura como uma das mais premiadas e conceituadas dentro da literatura brasileira contemporânea, e já recebeu diversos prêmios desde que publicou seu primeiro livro, como o prêmio Cidade de Belo Horizonte e o Alphonsus de Guimarães. Como explicam Rocha e Martins, sempre “sem a pretensão de identificar movimentos ou tendências, a obra de Ana Martins Marques vincula-se àquele traço da poesia moderna que extrai da experiência cotidiana os elementos de sua poética.” (ROCHA E MARTINS, 2018, p.2).

Dessarte, Manuel Bandeira, poeta modernista pertencente à primeira fase, é uma das principais referências observadas na poesia de Ana, principalmente no que tange à temática do cotidiano. O uso da linguagem coloquial, os versos simples e o atrevimento ao lado da liberdade criadora, são algumas das características que fizeram com que tanto a poesia de Bandeira quanto o Modernismo fossem materializados como algo inovador e que quebrasse barreiras no âmbito literário naquele momento.

[...] é possível encarar o cotidiano que se constitui como matéria poética em Bandeira de outra perspectiva. Observando mais de perto o sentido que a noção de cotidiano adquire na literatura moderna e a forma específica assumida pela “vida de todo dia” no capitalismo avançado, pode-se encontrar um conceito histórico e sociológico muito preciso. (JR.WILSON, 2019, p.3).

Como ressalta Jr. Wilson (2019), a noção de cotidiano tem se reinventado com o tempo, assim como a noção a respeito da poesia, e tanto o abordado na obra de Ana quanto o de Bandeira, por exemplo, trazem à tona uma definição pelo sentido de “vida de todo dia” que trata da realidade vivida, dos objetos, sentimentos e sentidos experimentados diariamente, que podem ser compreendidos através de um conceito histórico e sociológico específico, no qual os poetas estão inseridos.

Assim, para fundamentar as reflexões abordadas e debater a respeito da convergência entre a poesia de Ana e Bandeira, será apresentada a análise comparativa dos poemas “A realidade e a imagem”, de Manuel Bandeira, e “A imagem e a realidade”, encontrado na obra *O livro das Semelhanças* (2015), que, como a própria poeta pontua, é refletido do poema de Bandeira, encontrado na obra *Estrela da vida inteira* (1966).

A realidade e a imagem

O arranha-céu sobe no ar puro lavado pela chuva
e desce refletido na poça de lama do pátio.
Entre a realidade e a imagem, no chão seco que as separa,
quatro pombas passeiam.
(BANDEIRA, 1993, p. 200)

O poema traz em seus quatro versos a noção de cotidiano, atrelada à representação da realidade por meio da imagem, que é formada ao longo de seu desenvolvimento, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à sua forma. Bandeira (1986) incorpora a ideia de metáfora de Aristóteles, em que o poema passa a ser uma simples reprodução por imitação. A partir desse conceito, é possível observar que o próprio poema cria a imagem de um arranha-céu, salientando a ideia de palavra e imagem se tornarem uma só. Pereira (2020) versa a respeito da representação na obra da poeta e aborda o conceito da mimese, emergindo a ideia de que a literatura seja algo que está entre o mundo propriamente dito e o sujeito, sendo construída como uma tentativa de captar o real.

Há também o conceito da paisagem urbana, que se concebe por meio da realidade do arranha-céu e a imagem da poça d'água, que é tida como fantasia e arte. O reflexo, por sua vez, é o ponto chave do poema; a poça cria uma imagem interminável daquilo que é real, que neste caso é o arranha-céu. É possível também notar, entre eles, uma infinidade de possibilidades que não refletem, mas ainda estão ali, naquele cenário. Desse modo, o chão seco, que separa realidade e imagem, focaliza o que ainda não foi refletido dentro desta infinita gama de interpretações tanto da existência quanto da experimentação como um todo e retoma a ideia apresentada por Pereira (2020).

Marques, por sua vez, ao pontuar para seu leitor que seu poema se constitui como um espelhamento do de Bandeira, trabalha de maneira bem precisa a referida conceituação, a começar pelo título, que é dado através da inversão das palavras imagem e realidade.

A imagem e a realidade

Refletido de um poema de Manuel Bandeira

Refletido na poça
do pátio
o arranha-céu cresce
para baixo
as pombas – quatro –
voam no céu seco
até que uma delas pousa
na poça
desfazendo a imagem

dos seus tantos andares
o arranha-céu
agora tem metade.
(Marques 2015: 76)

O arranha-céu continua refletido e as pombas ainda caminham no chão seco. Todavia a ação de uma das pombas desfaz a ação do reflexo, se tornando o clímax do poema. Diferentemente do primeiro, este mostra que a imagem pode se desatar, validando a ideia de que ela, ainda que seja uma mimese da realidade, é uma falsa projeção do palpável. O arranha-céu se torna metade, e a noção do que é concreto se perde em meio ao pouso das pombas; enquanto no poema de Bandeira o arranha-céu se torna muitos, no de Marques ele passa a ser metade.

Rezende (2016) pontua, ao retomar as reflexões de Asensi e Kant, como a realidade pode ser interpretada a partir dos aspectos individuais de cada sujeito. Ela é, em suma, objeto final de um processo, como é possível depreender nos poemas analisados. O exterior que vemos não é como de fato o vemos, há algo no exterior que adquire forma de acordo com elementos a priori que aplicamos sobre esse exterior (REZENDE, 2016, p. 46).

Ao se analisar os dois poemas, resgata-se também a obra de René Magritte, intitulada *Condição Humana*, de 1933, que aborda em sua essência a mesma noção dos poemas evidenciados; a realidade se torna uma questão de percepção e o que se vê é apenas o que lhe é permitido. O cotidiano é, mais uma vez, temática preponderante, validando a necessidade de se voltar para o que está a sua volta, assim como Baudelaire fez em algumas de suas obras,

como *O spleen de Paris: Pequenos poemas em prosa* (1869), em que ele dá vida a esse novo modelo de poesia que passa a incluir temas como a busca pela reflexão através do fazer poético, o cotidiano em meio a representação e experimentação, dentre outros. Como se percebe, a modernidade de Baudelaire está ligada ao fato de ser ele o primeiro poeta a eleger a cidade grande como objeto poético, concedendo, a esse tema, um tratamento estilístico inusitado (KIRCHOF, 2007, p.44).

Logo, ao averiguar poemas como os apresentados aqui, percebe-se a clara referência ao Modernismo por parte da poeta contemporânea. Como Dick (2012) disserta, não há uma negação a determinados poetas ou correntes, mas sim uma escolha, que é construída por meio da reflexão crítica já mencionada. Em contrapartida, o contemporâneo passa a recuperar e fazer uso de todos esses elementos, os misturando e adequando, de forma equilibrada, na construção do fazer poético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as reflexões contempladas aqui, conclui-se que o Modernismo ecoa de forma muito significativa no contemporâneo, uma vez que o movimento em voga recupera os períodos literários anteriores a partir de uma leitura crítica, que não nega, mas sim incorpora os elementos, a fim de enriquecer o fazer poético.

Dessa maneira, ao se estudar o contemporâneo, não há como não se amparar no moderno, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, já que ambos ressoam nos poetas atuais, reforçando a importância do movimento anterior e demonstrando como ele ainda impacta a literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Seleção em prosa e verso*. 4. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

BOAVENTURA, Maria Eugênia. Movimento Brasileiro: Contribuição ao estudo do Modernismo. 1978. Editora: Conselho Estadual De Artes.

DICK, André. *Poesia contemporânea brasileira*: algumas notas. Eutomia, ed. 9, ano V, p. 98-129, jul. 2012.

FLORES JR, Wilson José. Reflexões sobre o cotidiano na poesia de Manuel Bandeira. *Revista Garrafa* 27. ISSN 1809-2586.

KIRCHOF, Edgar Roberto. A representação da modernidade na poesia de Charles Baudelaire. *A Cor das Letras* — UEFS, n. 8, 2007.

MARQUES, Ana Martins (2009). *A vida submarina*. Belo Horizonte: Scriptum.

MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti. Pós- Modernismo: Entre a crítica e a ideologia. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 39, n. 1, p. 233-258, Jan./Mar., 2016.

NASCIMENTO, Evando. A semana de arte moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico*. *Gragoatá*, Niterói, n. 39, p. 376-391, 2. sem. 2015

REZENDE, Samuel. Ao redor de um conceito: mimesis. *Revista Ao pé da letra* – v. 18.2 – 2016.

SIMMON, Lumna Maria. A retraditionalização frívola: o caso da poesia no Brasil. *Revista Cerrados*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura - Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. v.24, nº 39, 2015.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

PEREIRA, Bruna Wanderley. O dilema da representação em O livro das Semelhanças de Ana Martins Marques. *Garrafa*, v. 18, nº 53, Julho- Setembro. 2020.2.